

ENTRE "ANGST" E CONFIANÇA: MELANCHTHON COMO UM HOMEM DO SÉCULO XVI

Markus Wriedt*

Traduzido por Airton J. Glitz, Gelson Bourckhardt,
Paulo R. Teixeira e Paulo W. Buss

Introdução

"Si Deus pro nobis, quis contra nos! – Se Deus é por nós, quem será contra nós?"¹ O versículo de Rm 8.31 resume a vida de Filipe Melanchthon. Nos afazeres da vida diária, sua confiança inabalável na misericórdia protetora de Deus é sempre de novo confrontada com a "Angst" sentida de diferentes maneiras. Havia a "Angst"² suportada para com aqueles confiados

1

* Dr. Markus Wriedt é um professor pesquisador e administrador do Instituto para a História Européia, na Mogúncia, Alemanha. Tanto o texto como as notas foram traduzidas [para o Inglês] pelo Dr. Robert Rosin, Concordia Seminary, St. Louis, MO. Este texto em Inglês foi publicado no **Concordia Journal** 23 (1997): 277-294 e é aqui reproduzido com permissão dos editores.

¹ O verso serve como mote na página de título da primeira edição das obras de Melanchthon, feita em 1562. A sentença está escrita ao redor de um medalhão modelado contra um entalhe de Lucas Cranach, o Moço. A ilustração está colocada em *Philipp Melanchthon, Eine Gestalt der Reformationszeit. 50 Bilder und zwei Landkarten ausgenwählt und erlautert von Heinz Scheible*. Herausgegeben von der Landesbildstelle Baden, Karlsruhe, und dem Melanchthonhaus Bretten (Karlsruhe, 1995), p. 106.

² O conceito "Angst" é compreendido no que segue como sendo mais forte do que profundo sentimento de responsabilidade ou um senso compreensível de responsabilidade. Veja Heinz Scheible, "Luther und Melanchthon", in Scheible, ed., *Melanchthon und die Reformation. Forschungsbeiträge*, Veröffentlichungen des Instituts für Europäische Geschichte, Beiheft 41 (Mainz, 1996), p. 144s. Scheible rejeita ansiedade ou nervosismo [*Ängstlichkeit*] como o epíteto típico de Melanchthon. Scheible prossegue: "De modo algum Melanchthon foi ansioso, ao invés disso, preocupava-se grandemente com respeito ao futuro da igreja e do império da mesma forma como não podemos fugir de pensamentos sobre uma possível guerra nuclear, mesmo quando não estamos especialmente ansiosos com respeito a isto. A preocupação de Melanchthon não era sem propósito... Em sua vida pessoal, ele era cora-joso."

a seus cuidados no círculo da família, dos amigos e dos colegas. Além disso, havia aquela "Angst" sentida com relação ao progresso da Reforma na escola e na Universidade. E, finalmente, ele sofreu sua própria angústia e tribulação no nível pessoal. Nas páginas que se seguem, queremos rebuscar esta notória tensão na vida de Melanchthon quando ele se encontra "Entre Angst e Confiança: Melanchthon como um homem do século XVI". Juntamente com comentários biográficos, desejamos lançar um olhar especialmente sobre aqueles elementos ou aspectos de vida [*Lebensformen*]³ que deixaram sua marca neste estudioso desde a região de Kraichgau, afetando sua piedade e sua teologia. Primeiro, nos voltamos brevemente ao impacto de seu lar na infância, sua escola e Universidade, considerando alguns problemas típicos daquela época e observando a vida familiar deste professor de Grego. As amizades – especialmente com Martinho Lutero – são uma outra ênfase, e, finalmente, concluímos com a maneira pela qual Melanchthon lidou com a

³ Veja primeiro à guisa de panorama e para sugestões sobre uma outra literatura, Paul Münch, "Lebensformen, Lebenswelten und Umgangserziehung", *Handbuch der deutschen Bildungsgeschichte, v. 1:15 bis 17 Jahrhundert. Von der Renaissance und der Reformation bis zum Ende der Glaubenskämpfe*, editado por Notker Hammerstein com assistência de August Buck (Munique, 1996), p. 103-133. Como um esforço rumo a uma definição, lê-se o seguinte na p. 103: As *Lebensformen* [experiências e estruturas de vida] abrangem a existência humana do nascimento à morte. Elas governam a satisfação das necessidades vitais, comandam os hábitos vitais globais individuais e coletivos e marcam orientações espirituais e religiosas. Elas se desenvolvem a partir do jogo opaco das condições estruturais – já dadas e conectadas de diferentes maneiras – com os estados da personalidade. Condições externas são estabelecidas ou pela natureza ou através das instituições sociais, políticas e confessionais e sistemas de normas humanamente criados. Elas causam sentimentos, vozes, expectativas, memórias e experiências, os quais são relevantes às ações – individuais ou coletivas, conscientes ou inconscientes e mais ou menos contínuas – que podem ser reduzidas às atitudes mentais. *Lebensformen* não são constantes antropológicas; ao invés disso, estão sujeitas a desenvolvimento histórico, mesmo quando uma mudança normalmente acontece apenas em passos perceptíveis e em longos períodos. Como membros de um grupo social, político ou confessional, pessoas em situações similares e com impressões mentais afins possuem interesse comum em um ambiente com mentalidades desenvolvidas através de um canal específico e marcado pelas *Lebensformen* - um contexto no qual as antíteses entre as estruturas coletivas e a experiência individual pode produzir uma mistura indistinguível. Durante o início da Idade Moderna, no período confessional, as *Lebensformen* não governaram apenas a vida e a sobrevivência mas, muito mais que isto, elas deram forma ao cultivo geral tanto dos contatos sociais como da civilização.

enfermidade e a morte.

Lidar com a vida e a obra de Melanchthon facilita vermos quanta distância nos separa dele. Quinhentos anos trouxeram desenvolvimentos, positivos e negativos, que as gerações passadas não poderiam imaginar. Devemos guardar em mente as diferenças entre as épocas. Não é possível penetrar no passado tão rapidamente. Mesmo assim, Melanchthon nos é mais familiar que muitos outros de seu tempo e de outras épocas. Conhecemos sua aparência a partir de muitos retratos feitos por distintos artistas. Suas idéias e atividades tem sido transmitidas através de muitas fontes contemporâneas. A primeira fonte escrita relevante é sua abrangente correspondência compreensível. Quase todos os seus escritos foram preservados e estão disponíveis. Desde que suas atividades na Universidade e na escola, na corte do príncipe e na assembléia imperial foram públicas, estamos bem informados acerca das mesmas por meio de fontes religiosas. Assim, Melanchthon pode servir como um exemplo do que era viver no tempo do humanismo renascentista e do que era servir à Reforma.

O Lar e a Infância

Melanchthon nasceu como Filipe Schwartzertd em 16 de fevereiro de 1497, na casa de seus avós em Bretten, uma cidade no Palatinado. Seu pai, Georg, veio de Heidelberg, e por causa de suas habilidades superiores era o armeiro de confiança do eleitor. Sua mãe era parente distante da única irmã de Reuchlin, Elizabeth, mas um parentesco sanguíneo entre Melanchthon e o famoso intelectual da vizinha Pforzheim não pode ser provado. Quatro anos depois que seus pais casaram, o famoso porta-estandarte da família nasceu e recebeu o nome em honra ao Eleitor Filipe.

Filipe cresceu com seus quatro irmãos próximo ao mercado em Bretten, onde havia uma rota de negócios bem movimentada. Johann Reuter, seu avô e prefeito da cidade, cuidou de sua educação completa, especialmente em Latim.

Uma das experiências memoráveis da infância, quando Filipe tinha sete anos, foi a Guerra da Sucessão de Landshut, quando ele testemunhou mercenários furiosos ameaçando a vida de seu avô e familiares enquanto procuravam por um assassino. Seu pai estava longe, com a artilharia do

eleitor, defendendo a fronteira com Hesse. Não foi este o único episódio que o afetou, mas certamente contribuiu para o espírito irênico de Melanchthon, que durante sua vida sempre buscou a conciliação. Isto não era um desinteresse por indiferença, mas por detrás disto havia um desejo bem fundamentado por paz e harmonia. Assim, por exemplo, Melanchthon deixava esgotar sua paciência primeiro para somente então explodir quando seus pupilos não estivessem atentos [desperdiçando suas oportunidades educacionais]. Mas ele tinha consciência de sua falta de paciência e tentava controlá-la.

Na verdade, sua postura irênica mantinha posições radicais à distância: ele achou o manuscrito de Justus Menius sobre o direito de auto-defesa muito radical o o retrabalhou enquanto fugia das tropas imperiais durante a Guerra de Esmalcalde. Com sua vida em perigo extremo e sua família ameaçada, abrandou numerosas passagens e procurou espaço para a mansidão cristã sem causar prejuízo ao direito de resistência. “Cada um deve perguntar à sua própria consciência: se bandidos viessem à sua casa e abusassem de sua esposa e filhos, o que ele faria e o que ele pensaria que seria direito fazer para expulsá-los?” Melanchthon não pregava o quietismo a todo custo. E em tempo de guerra, ele via a si próprio e aos seus nas mãos de Deus. Ele reuniu a "*Angst*" para sua situação pessoal com uma confiança admirável na graça de Deus, preservando as atividades. Deus julgará, ele dizia. Ao mesmo tempo, ele também procurava analisar as causas da guerra. Deus fala e pune; somente Ele conhece quando, como e porquê:

Eu sei que existe uma reclamação tremenda e miserável contra a guerra e, tristemente, é verdade que existe nela muita miséria. Mas isto é o mesmo que acontece com todas as doenças: reclama-se muito da dor, todavia poucos evitam as causas das doenças. Os sábios são eles mesmos a raiz das punições, pois eles são inimigos veementes da verdade. Seus assaltos contra ela são julgados no final como tendo fortalecido a idolatria e suprimido o ensino realmente necessário... Assim, os orgulhosos e sábios atraem o povo tolo para junto de si, de forma que o erro e os muitos vícios

são reforçados entre eles. Deus não vai ficar em silêncio para sempre sobre o seu modo de ser.⁴

Estas linhas mostram o que Melanchthon pensava. Ele vê a si próprio como posto por Deus em uma certa situação para proclamar o Evangelho em toda sua simplicidade e clareza. Isto é o que ele deseja fazer. Nada mais. Seu bem-estar pessoal não faz sentido e não é de importância para a expansão do reino de Deus e para a batalha entre Cristo e seus adversários. Que ele nem sempre teve sucesso nisto e que tinha suas dificuldades apresentando o Evangelho de uma forma fácil de compreender, Melanchthon confessou francamente em numerosas cartas.

Melanchthon era profundamente contra a rebelião e agitação por qualquer motivo.⁵ Esta oposição começa para ele não no ato revolucionário concreto, mas, antes, em cada pensamento e ato dirigido contra a ordem da criação original de Deus já é rebelião. A ordem da criação determina não somente a primazia do homem contra plantas e animais - para Melanchthon, uma primazia que era reconhecível sem dúvida no dom da razão humana - mas esta ordem criada também determina a divisão dos papéis entre homens e mulheres, pais e filhos, bem como a hierarquia fixada.

O pai de Melanchthon retornou da Guerra da Sucessão de Landshut como um homem doente e morreu quatro anos mais tarde. Melanchthon relatou mais tarde sobre o sepultamento de seu pai, a quem Filipe tinha visto muito pouco durante sua vida jovem.⁶ Seu pai preocupava-se com a maneira como os tempos pareciam estar se desenvolvendo e insistiu com o seu filho

⁴ Citado em Frank Pauli, *Philippus. Ein lehrer für Deutschland. Spuren und Wirkungen Philipp Melanchthons* (Berlin, 1996), P. 261.

⁵ Veja a *Declamation de ordine politico* de 1522 em Corpus Reformatorum vol. 11, col. 1011-16. Uma tradução alemã por Rainer Kössling está disponível em *Melanchthon Deutsch*, ed. Michael Beyer, Stefan Rhein e Günther Wartenberg, Vol. 1: *Schule und Universität. Philosophie, Geschichte und Politik* (Leipzig, 1997), pp.313-20. [As referências Corpus Reformatorum para as publicações de Melanchthon serão doravante citadas como CR 11: 1011-16.]

⁶ CR 8:367; 10:256. Philipp Melanchthon, *Melanchthons Briefwechsel. Kritische und kommentierte Gesamtausgabe, Regesten*, ed. Heinz Scheible, vol. 7 (Stuttgart-Bad Cannstatt, 1977), p. 244 (carta 7315). [Daqui para frente citado como MBW. Os verbetes da série *Regesten* serão MBW-R; Assim, por exemplo, MBW-R 7:244 (7315). Os verbetes da série *Texte* serão MBW-T.]

para levar uma vida honesta e correta e, especialmente, para manter-se firme na fé cristã.

Quatro semanas antes da morte de seu pai, o avô de Melanchthon, tão importante nesta sua fase da vida, também morreu. Como a morte o golpeara duas vezes, a infância de Melanchthon terminou. Anos mais tarde, ele ainda lembrava: “Deixei meu lar em lágrimas”. O garoto de onze anos de idade foi levado à casa de parentes em Speyer e, dali para frente, viu Bretten somente em raras visitas.

Devido à instrução excepcional recebida na casa de seu avô, sob a direção de Johannes Unger de Pforzheim, Filipe foi capaz de frequentar a escola de Latim em seu novo lar em Pforzheim e sobressaiu-se sem dificuldades. Hospedou-se, junto com seu irmão mais jovem, George, e o irmão mais jovem de sua mãe, com Elizabeth Reuchlin, a irmã do famoso hebraísta Johannes Reuchlin que estava vivendo em Stuttgart e também servia em Tübingen como juiz.

Filipe ofereceu alguns versos em Latim que arrancaram aplausos de Reuchlin, que envolveu-se intensivamente com este talento promissor e incentivou-o com elogios e presentes.⁷ Em 15 de maio de 1509, Reuchlin deu-lhe o nome humanista de “Melan-chthon”, a tradução grega de seu sobrenome Schwartz-Erdt ou “Terra-negra”⁸. Mas uma desavença desenvolveu-se com o patrono de Melanchthon quando Reuchlin foi, por um período, para Ingolstadt e quis que seu protegido se mudasse para lá, para a Universidade que servia a região da Bavária. Melanchthon recusou a oferta prestigiosa por causa das obrigações e circunstâncias com as quais havia se comprometido com a Universidade de Wittenberg. Reuchlin reagiu com pronunciada ira, interrompendo a correspondência com Melanchthon⁹ e revisando seu testamento para deserdar Melanchthon, que teria herdado a enorme biblioteca do humanista suábio¹⁰.

⁷ Veja Scheible, “Reuchlin Einfluss auf Melanchthon,” em Scheible, ed., *Melanchthon und die Reformation Forschungsbeiträge*, pp. 70-97.

⁸ Em dado momento, com trinta e poucos anos, Melanchthon começou a cortar o “ch” e assinava seu nome como “Melanthon.” Alguns historiadores suspeitam que este professor de retórica assim o fez devido a um pequeno impedimento de pronúncia que não permitiria que ele pronunciasse o Grego apropriadamente.

⁹ MBW-T 1:265ss. (130[4]).

A Influência da Universidade

Com a idade de apenas 13 anos, Melanchthon foi, em 1510, para a Universidade de Heidelberg. Ele dominou o currículo prescrito sem problemas e recebeu seu primeiro título acadêmico, o Bacharelado em Artes, em 10 de junho de 1511, a primeira data possível, devido à sua juventude. Um ano mais tarde, ele continuou seus estudos em Tübingen, e já a 25 de janeiro de 1514 - com 17 anos incompletos - concluiu seus estudos básicos para o seu Mestrado. Vivia em uma *Burse*, o alojamento tradicional dos estudantes, parecido com um claustro. Durante certo tempo, compartilhou um quarto com Hieronymus Schurff, que mais tarde foi muito importante para a Reforma como conselheiro legal para os eleitores. A parede do dormitório deles tinha o lema: “Dar esmolas não empobrece, ir à igreja não enclausura ninguém, injustiça não traz sucesso”. Esta sentença não era somente um provérbio confiável para os jovens estudantes, mas também era um prospecto bem real para a vida. Através de Reuchlin, Melanchthon conheceu o editor de livros Thomas Anshelm. Este havia deslocado sua oficina para Tübingen e empregado o jovem estudante como revisor. O principal interesse de Melanchthon era Grego, e já em Tübingen ensinou muitos pupilos e escreveu uma gramática¹¹ de Grego que foi vendida com muito sucesso. Sua estatura como notável professor de Grego finalmente levou-o a Wittenberg, onde o Eleitor Frederico III - Frederico, o Sábio - estabeleceu uma cadeira de Grego na Universidade de seu território, fundada em 1502, mas já reformada e expandida muitas vezes desde então. Reuchlin havia dado a mais elevada apreciação ao recomendar seu antigo discípulo de Tübingen. Não havia melhor em Grego em nenhum lugar na Alemanha, e o mesmo valia para a língua latina na qual, conforme Reuchlin, Melanchthon havia superado Erasmo.

Neste ponto, paramos, interrompendo o esboço biográfico para nos voltarmos à piedade de Melanchthon. Ela foi reforçada por seu encontro com os teólogos de Wittenberg, marcada especialmente por Martinho Lutero¹².

¹⁰ Karl Preisendanz, “Die Bibliothek Johannes Reuchlins,” em *Johannes Reuchlins 1455-1522 Festgabe seiner Vaterstadt Pforzheim*, ed. Manfred Krebs (Pforzheim, n.d. [1955]), pp. 35-82.

¹¹ MBW-T 1:62-65 (16s); CR 20:3.

¹² Originalmente uma subsecção estava planejada, aqui, sobre a piedade e oração de Melanchthon. Em seu lugar veja o escrito “Ich rufe zu dir. Gebete des

Melanchthon como Teólogo

Não podemos tratar em detalhes a questão de como deveríamos situar Melanchthon como teólogo¹³. Ao mesmo tempo, algumas coisas são dignas de nota. Em 19 de setembro de 1519, ele conseguiu o título de Bacharel em Teologia Bíblica¹⁴, que o permitiu ensinar em teologia. Ele fez uso deste direito durante sua vida, ensinando freqüentemente nas áreas de Exegese¹⁵ e Dogmática. Os esforços de Lutero para ter Melanchthon chamado como um professor da Faculdade de Teologia foram frustrados pela recusa de Melanchthon e pelo seu interesse em ensinar Filosofia, que ele insistia que era um pré-requisito não negociável para um estudo teológico produtivo¹⁶. Mais tarde, livre de algumas obrigações na faculdade de artes e com a

Reformators Philipp Melanchthon zusammengestellt,” trabalhado e anotado por Martin H. Jung com a assistência de Gerhard Weng, editado por Klaus-Dieter Kaiser em favor do Comitê Melanchthon para a Igreja Evangélica Alemã (Frankfurt, 1996); veja também a Habilitationsschrift por Martin H. Jung, *Frömmigkeit und Theologie bei Philipp Melanchthon: Eine Untersuchung über das Gebet im Leben und in der Lehre des Reformators* (Tübingen, 1994/95; publicação planejada para 1997).

¹³ Veja Wilhelm Maurer, “Melanchthon als Laienchrist,” em Maurer, ed., *Melanchthon-Studien*, Schriften des Vereins für Reformationsgeschichte, n° 181 (Gütersloh, 1964), pp.9-19; Bernhard Lohse, “Melanchthon als Theologe,” *Luther* 31 (1960): 14-23; Scheible, “Luther und Melanchthon,” em Scheible, ed., *Melanchthon und die Reformation Forschungsbeiträge*, pp. 146s.

¹⁴ Veja MBW-R 1: 69 (76); também Martin Luther, *Dr. Martin Luther's Werke* (Böhlau, 1883-), *Briefwechsel*, vol. 1, p.514, linhas 33ss. [Daqui para frente as referências à Edição Weimar das obras de Lutero serão referidas como WA. A Briefwechsel ou volumes de cartas serão WA-Br, assim, por exemplo, WA-Br 1:514, 33ss. E *Tischreden* ou os volumes de “Conversas de Mesa” serão WA-Tr.] Esta última referência WA-Br em Latim também está disponível em tradução alemã por Christian Peters em *Melanchthon deutsch*, vol. 2: *Theologie und Kirchpolitik*, pp. 9-11. Veja também *Melanchthons Werke in Auswahl*, ed. Robert Stupperich, vol. 1 (Gütersloh, 1951), pp. 23-25 [daqui para frente citada como MAS; assim MAS 1:23-25] para as teses de disputas teológicas, escritas em parte por Melanchthon, que são empolgantes para enfatizar o texto escrito da Escritura e criticar o ensino escolástico da transubstanciação.

¹⁵ Veja Peter F. Barton, “Die exegetische Arbeit des jungen Melanchthon von 1518/19 bis 1528/29.” *Archiv für Reformationsgeschichte* 54 (1963): 52-89; Timothy J. Wengert, *Philipp Melanchthon's Annotations in Johannes in Relation to its Predecessors and Contemporaries*, *Travaux d'humanisme et Renaissance*, vol. 220 (Geneva, 1987).

permissão do eleitor, Melanchthon pôde ensinar em ambas as Faculdades: Artes e Teologia. Ele julgou o acordo tanto próprio quando importante, e ele tornou desnecessária qualquer discussão posterior sobre o seu *status*¹⁷.

Melanchthon não pregou. Ele recusou servir em tal função na igreja da cidade por causa de fraqueza física, uma voz suave e um pequeno impedimento de pronúncia. Declinou formalmente do seu chamado para ser o pregador na igreja da cidade enquanto Lutero estava fora, no Wartburg, porque o capítulo, sob a liderança de Justus Jonas, havia objetado¹⁸. Ao mesmo tempo, ele dava aulas bíblicas em Latim antes dos cultos na igreja, fazendo isto pensando especialmente naqueles alunos e participantes estrangeiros do culto que não podiam acompanhar o sermão em alemão. Melanchthon certamente não pode ser acusado de ter interesse ou envolvimento insuficiente na igreja. O fato de o intelectual também ter estado eventualmente envolvido na administração dos Sacramentos permanece um assunto de especulação. Pessoalmente, estou inclinado a pensar que ele declinou de fazê-lo, menos por razões teológicas do que por razões político-organizacionais. O tríptico do altar na igreja da cidade retrata Melanchthon como amigo das crianças [batizando um infante], mas não há garantia histórica da sua participação em tais atos da igreja¹⁹.

A Igreja como uma Escola - Cristo como o Mestre

¹⁶ Wilhelm Maurer, *Der junge Melanchthon zwischen Humanismus und Reformation*, vol. 2: *Der Theologe* (Göttingen, 1969) pp. 419-428.

¹⁷ MBW-R 2:400 s. (446); veja Walther Friedensburg, ed., *Urkundenbuch der Universität Wittenberg*, Parte 1: 1502-1611 (Magdeburg, 1926), pp. 133-35.

¹⁸ Maurer, *Der junge Melanchthon*, vol. 2, pp. 164-169.

¹⁹ Em “Melanchthon as Scholar”, feito para o colóquio “Melanchthon como Teólogo” no Instituto para a História Européia em 20-22 de março de 1997, o Dr. Albrecht Beutel, de Tübingen, examinou a apresentação dos três Sacramentos agrupados na gravura do altar de Wittenberg. [Nota da tradução: Os “três Sacramentos” são o Batismo, a Ceia do Senhor e a Absolvição. Melanchthon está batizando um infante; Lutero está com a Ceia do Senhor; Johannes Bugenhagen, o pastor regular da congregação, está pronunciando a palavra de perdão.] É quase certo que Melanchthon está incluído junto com Lutero por razões iconográficas e não a fim de retratá-lo oficiando um batismo que tenha realmente ocorrido.

A piedade prática de Melanchthon está em íntima conexão com seus esforços para reformar a educação tradicional.²⁰ Ele já chegara a perceber essa ligação em Tübingen.²¹ Dessa forma, a decisão de Melanchthon de se aliar tão completamente a Lutero deve ser interpretada como um movimento baseado numa leitura e exposição da Escritura que já era completamente independente e auto-confiante. Melanchthon não veio a se tornar um Reformador só quando se encontrou com Lutero. Na verdade, como um desses verdadeiramente felizes acontecimentos da história, a amizade entre os dois conduziu a uma proveitosa ligação de uma vigorosa interpretação de Paulo na linha dos escritos antipelagianos de Agostinho, unida com as correntes reformistas do humanismo suábio, especialmente do tipo de Tübingen. Isoladas, as duas posições dificilmente seriam tão efetivas como quando unidas, permeando-se e complementando-se mutuamente.

O conceito que Melanchthon fazia da igreja como uma academia ou escola intimamente associado com a imagem de Cristo como um mestre é ilustrada sucintamente no que segue. (Isto deixou sua marca na teologia de Melanchthon e teve grande significado para sua profunda piedade.) Acima de tudo, Melanchthon compartilhava com a maioria de seus contemporâneos a idéia de que escolas e universidades foram estabelecidas por ordem de Deus.²² Assim, de certa forma é o próprio Deus quem dirige e preserva a educação.²³ Uma medida da obediência à ordem de Deus é vista então na extensão em que a educação resulta em seu serviço. Isso já aponta para o alvo da educação: conhecer a vontade de Deus e ser capaz de segui-la, colocar sua vida e habilidades produtivas a serviço de Deus.²⁴ Melanchthon

²⁰Confira Marcus Wriedt, "Die theologische Begründung der Bildungsreform bei Luther und Melanchthon," em *Humanismus und Wittenberger Reformation. Festgabe anlässlich des 500. Geburtstages des Praeceptor Germaniae Philipp Melanchthon am 16. Februar 1997. Helmar Junghans gewidmet*, ed. Michael Beyer e Günther Wartenberg com Hans-Peter Hasse (Leipzig, 1996), pp. 169-182.

²¹Veja a preleção de Melanchthon em Tübingen em 1517, "*De artibus liberalibus*," CR 11:5-14;MSA 3:17-28.

²²"Praecipimus igitur omnibus, ut dogitent mandato Dei Scholasticos conventus institutos esse, et in eis Deo serviendum esse." CR 10:995 (*Leges Academiae Witenbergensis de studiis et moribus auditorum* de 1546).

²³CR 9:741 (Convite para a Promoção Ceremonial do Mestre Paul Dumrich de Halle em 12 de fevereiro de 1556); veja também 445.

²⁴Confira CR 10:992-1024 (*Leges Academiae Witenbergensis de studiis et moribus auditorum* de 1546) passim. Veja também Karl Hartfelder, *Melanchthon*

vê a educação essencialmente em termos de sua utilidade para a igreja e a comunidade.

Melanchthon vê a igreja como um todo como uma escola, sendo Cristo o mestre. Crer é um processo vitalício de aprendizagem. Ao considerar essa tese, deixe de lado por enquanto a semelhança institucional de escola e igreja e se volte, ao invés disso, à questão da substância como ela se enquadra nessa analogia, atentando para a transmissão da fé de geração a geração e suas conseqüências em termos de vida prática. Então somente no final a analogia entre igreja e escola repousa sobre a concordância em termos de sua estrutura institucional e as legalidade que a definem.²⁵

Melanchthon acreditava que uma pessoa pode colocar a verdade em palavras. Para ele, é esta a tarefa dos filósofos e teólogos de cada época. Quando ele argumentava como um teólogo bíblico, ele não acreditava que a verdade se encontraria por meio de sua própria contemplação ou que ela seria recebida por inspiração, mas sim apenas por meio da revelação de Deus testemunhada na Sagrada Escritura. A percepção disto vem em conexão com a exegese das Escrituras. Olhando para escritores, torna-se claro que alguns deveriam receber autoridade especial por causa de suas exposições. Em princípio nada era aceito automaticamente sem ser criticado. O padrão (algumas vezes colocado literalmente desta maneira) é a proximidade para com aquilo que as Escrituras dizem. Para Melanchthon, as Escrituras deveriam ser afirmadas objetivamente.

Melanchthon esperava poder eliminar disputas doutrinárias através de uma conferência de teólogos cultos e equilibrados. Crucial para ele é aqui a idéia de que a expressão da fé corre continuamente através de nosso tempo, e o mesmo acontece com o acordo literal de formulações bíblicas com

als Praeceptor Germaniae, Monumenta Germaniae paedagogica, vol. 7 (Berlim, 1889; reimpressão: Nieuwkoop, 1964), pp.437 e 478s.

²⁵Veja Peter Fraenkel, *Testimonia Patrum. The Function of the Patristic Argument in the Theology of Philipp Melanchthon*, Travaux d'humanisme et Renaissance, vol. 46 (Genebra, 1961), p. 126. Digno de nota é esse aspecto da eclesiologia do velho Melanchthon, apresentado detalhadamente em Otto Ritschl, *Dogmengeschichte des Protestantismus. Grundlagen und Grundzüge der theologischen Gedanken- und Lehrbildung in den protestantischen Kirchen*, vol 1: *Prolegomena. Biblizismus und Traditionalismus in der altprotestantischen Theologie* (Leipzig, 1908), pp. 322-335, e Ulrich Kuhn, *Kirche*, em *Handbuch Systematischer Theologie*, vol. 10 (Gütersloh, 1980), pp. 50-52.

afirmações de fé baseadas nelas.²⁶ O instrumento que garantiria que isto seria continuamente passado adiante seria o ensino academicamente fundamentado. A Universidade, especialmente a Faculdade de Teologia, de fato assumiu o ofício de ensino.

Ao se falar sobre a continuidade de expressões e formas doutrinárias, a substância da educação retorna com mais ênfase para o foco da atenção. O alvo geral da instrução é o conhecimento da revelação de Deus e seus mandamentos de maneira que a vida possa ser orientada em direção a ele e vivida de acordo com sua vontade. A utilidade de toda educação é medida de acordo com este alvo. Todo o estudo acadêmico, do estudo das línguas a questões das ciências naturais e filosofia, serve no reconhecimento da vontade de Deus. Ao mesmo tempo, o preservar da terminologia ou das expressões da doutrina cristã ajuda na luta contra a heterodoxia e o erro. Quanto mais as pessoas conhecem a Bíblia em suas palavras ou línguas originais e dali chegam a uma clara interpretação das passagens mais obscuras,²⁷ menos chance haverá de se desenvolverem noções espiritualistas e heréticas. Nesta conexão não é completamente possível eliminar a idéia de que Melanchthon, em seus esforços a favor da ortodoxia evangélica e na defesa contra movimentos heréticos, de fato contribuiu para um intelectualizar e um "academizar" da piedade evangélica. Mas certamente há outras razões para tais desenvolvimentos, e dificilmente seria correto por este peso apenas sobre Melanchthon.

Astrologia e Superstição

No lado mais obscuro da piedade de Melanchthon, há o que para olhos e ouvidos modernos parecem ser práticas supersticiosas e uma confiança em

²⁶Para mais indicações disto veja Fraenkel, *Testimonium Patrum*, pp. 133s.

²⁷Um estudo devotado a Melanchthon como um defensor da posição do *sola scriptura sui ipsius interpres* está faltando. Digno de nota é Maurer, *Melanchthon*, vol. 2, pp.138s.,309,335; Erling T. Teigen, "The Clarity of Scripture and Hermeneutical Principles in the Lutheran Confessions," *Concordia Theological Quarterly* 46 (1982):147-66.

leituras astrológicas.²⁸ O conhecimento de astronomia que ele adquiriu de Johann Stoffler enquanto estava em Tübingen tornou Melanchthon capaz de fazer horóscopos²⁹ e de avaliar as constelações.³⁰ Na verdade, Melanchthon acreditava que as estrelas não tem poder sobre as pessoas mas sim que elas são indicações da providência de Deus. Elas são colocadas lá pelo próprio Deus como sinais de advertência para que as pessoas se precavendam mas especialmente para chamar as pessoas ao arrependimento e à oração. Da sua parte, Deus não está preso a estes sinais e pode intervir nas leis ordenadas e regulares da causalidade na criação em qualquer momento em que o desejar.³¹ Em conexão com a astrologia, novamente vemos a postura de Melanchthon entre "Angst" e confiança. Por um lado, ele se preocupa continuamente a respeito de acontecimentos naturais como sendo maus agouros. Por outro lado, confia firmemente nas palavras salvadoras de Deus no Evangelho e sabe que ele está abrigado dentro dos planos do Criador para a salvação.

Problemas do Cotidiano

A carga de trabalho de Melanchthon era imensa. Ele mal tinha chegado a Wittenberg e já começou a lecionar língua grega. Além disso ele estava envolvido com os clássicos gregos e também traduziu partes do Novo Testamento bem como algumas do Antigo. Após sua promoção ao grau de B.Th., ele também dava preleções em teologia.³² Ninguém que vinha a ele

²⁸Veja Maurer, *Melanchthon*, vol. 1, pp.132-137,147-163,176; vol.2, pp116s.

²⁹Por exemplo, ele elaborou horóscopos quando seus filhos nasceram. CR 2:516; MBW-R 2:1177; veja também *Zeitschrift für Bayrische Kirchengeschichte* 1 (1926):5.

³⁰Sobre isso veja Ernst Kroker, *Nativitäten und Konstellationen aus der Reformationszeit*, Schriften des Vereins für Reformationsgeschichte, no.6 (Leipzig,1900),pp. 16-22.

³¹CR 7:652ss.; 8:62s., junto com o escrito de Melanchthon *De dignitate astrologiae* de 1535 em CR 11:262. Veja mais em Karl Hartfelder, *Der Aberglaube Philipp Melanchthons*, Hist. Taschenbuch, no. 8 (Leipzig, 1889):233-269; Wilhelm Maurer, *Melanchthon-Studien*, pp.44-50; Maurer, *Der junge Melanchthon* vol. 1,pp.137-139; Klaus Matthäus, "Astrologie," *Theologische Realencyclopädie*, vol. 4, p.290,22-41. [Doravante citado como TRE.]

³²As preleções tanto na faculdade de artes como na de teologia eram muito sistemáticas, marcadas por ênfases reformistas e conectadas entre si. Veja Ekkehard Mühlberg, "Humanistisches Bildungsprogramm und reformatorische Lehre beim

com algum pedido era mandado embora; ele procurava atender a todos.³³ Com tudo isto não surpreende que sua casa fosse um caos. Colegas e amigos falavam com ele sobre sua aparência desalinhada e estavam cada vez mais preocupados com sua saúde. Além de suas preocupações com ele pessoalmente, amigos e colegas logo tinham outras razões para se preocupar que o afamado letrado pudesse ser atraído e levado embora por uma oferta de algum outro lugar que oferecesse circunstâncias melhores. Não admira que o próprio Lutero interviesse para obter um aumento salarial para seu amigo.³⁴ Mas ainda vendo pouca melhora, os amigos ficaram atentos procurando arranjar um casamento para Melanchthon.³⁵

Melanchthon passou boa parte de sua vida na estrada. Ele não apenas estava exposto a mau tempo, mas também ficava à mercê de salteadores, bandidos, hospedarias miseráveis, porém caras e às vezes até mesmo tinha que pagar a despesa do próprio bolso. Ele descreveu como isso o desgastava numa carta ao seu amigo de Wittenberg, Paul Eber. Melanchthon tinha ido a Bonn a convite do eleitor e arcebispo de Colônia Hermann von Wied a fim de oferecer sugestões concretas sobre uma maneira de promover cautelosamente uma reforma evangélica na diocese. Melanchthon certamente não considerou Bonn um local romântico com seu charme singular de cidade provinciana. Não, ele se queixou do fedor em seus aposentos próximo ao cais junto ao Reno, e ele também não suportava o vinho do Reno e a comida da Westfália, que não se adaptava ao seu gosto.³⁶

Muitas vezes Melanchthon viajava a cavalo. Ele gostava disto apesar de tudo o que uma longa cavalgada acarreta. Acompanhado pelo ritmo das patas do cavalo, ele podia orar, meditar, refletir, e desenvolver idéias. Lutero às vezes achava graça do zelo pelo trabalho de seu colega mais jovem. Quando Melanchthon chegava às suas acomodações, ele primeiramente queria registrar seus pensamentos [que desenvolvera ao longo da estrada] antes de sentar à mesa para a refeição que já estava pronta.

jungen Melanchthon, "*Zeitschrift für Theologie und Kirche* 65 (1968):431-444.

³³Robert Stupperich, "Melanchthon—der Mensch und sein Werk," *Luther* 31 (1960):4.

³⁴WA-Br 2:130 (Carta no. 305; de Lutero a Espalatino em 25 de junho de 1520).

³⁵Veja a seção sobre casamento e família que segue abaixo.

³⁶MBW-R 3:408(3275); CR 5:142s.(2725).

Casamento e família³⁷

Lutero também persuadiu Melanchthon a casar-se, reconheça-se, não inteiramente sem algum auto-interesse de sua parte. Ele estava preocupado com a saúde de Filipe e em envolvê-lo na comunidade de Wittenberg para compensar as saudades que ele sentia de casa após ter deixado Bretten³⁸. Deste modo, Lutero voltou sua atenção para Katharina Krapp, filha de um eminente mercador de Wittenberg, que aconteceu ser da idade de Melanchthon. O erudito era primeiramente muito reservado, mas quando conheceu Katharina mais e mais veio a ver os pontos fortes dela e, também, percebeu que seus interesses sexuais tinham sido também duramente reprimidos nas dispendiosas discussões acadêmicas. Entretanto, seria engano dizer que Melanchthon via o casamento simplesmente como um caminho para subordinar seus instintos. Gradualmente, descobriu a dimensão da felicidade de uma pessoa. Depois de um longo tempo de idas e reveses, Lutero finalmente uniu o casal em matrimônio no dia 26 de novembro de 1520, em uma cerimônia eclesiástica. Na manhã da terça-feira seguinte, a família fez uma modesta celebração com amigos de outras cidades juntamente com notáveis da cidade e Universidade.

Embora a família dos noivos fosse bem de posses, Melanchthon nunca se preocupou em tornar-se próspero. Assim, diferente do que aconteceria na família de Melanchthon, em seus primeiros quatro anos não havia nem mesmo dinheiro suficiente para comprar um vestido novo para a dona da casa. Finalmente, no final da década de 1530, o Eleitor João Frederico construiu uma casa grande e agradável para Melanchthon, que desde então se tornara o professor mais bem pago da Universidade³⁹.

Muitas pessoas associadas à Universidade freqüentemente vinham visitar e reunir-se em confortáveis acomodações, ali naquela que Melanchthon afetivamente denominou “a cabana”, um quarto para estudiosos mantido próximo aos quartos da família e àquele quarto de

³⁷ Acerca deste tópico, veja Inge Mager, "Es ist nicht gut, dass der Mensch allein sei," (Gn 2.18): Zum Familienleben Philipp Melanchthons", *Archiv für Reformationsgeschichte* 81 (1990): 120-137.

³⁸ WA-Br 1:514,34; de modo semelhante 269, 33ss. Também WA 2:595,18-20.

³⁹ MBW-R 2:244ss (1718).

Johannes Koch, assistente de Melanchthon⁴⁰. Além disto, Melanchthon tomava jovens estudantes para dentro de sua casa. Ele o fazia, acima de tudo, por razões financeiras - deles, não sua, pois Melanchthon e sua esposa eram completamente avessos a agir com vistas ao lucro e ao ganho material. E Melanchthon recebia os estudantes por razões pedagógicas. Ele tinha a opinião que cada estudante deveria ter um mentor pessoal. Em sua *schola domestica*, Melanchthon instruía os jovens especialmente no Grego e Latim, e ao lado da leitura compreensiva, ele os envolvia ativamente na prática da língua enquanto eles escreviam poesia e encenavam comédias latinas⁴¹.

Todas estas pessoas tinham de ser cuidadas. Embora as habilidades culinárias de Katharina tivessem seus limites, ela sempre estava pronta para administrar a família que sempre crescia. Era conhecida por sua generosidade e bom coração e deve ter visto que ao mesmo tempo esta delicadeza era colocada em bom uso. Realmente, ela compartilhou estas características com seu esposo – por um lado, certamente esta foi uma das razões para o sucesso do seu casamento e, por outro, para nunca apegarem-se à prosperidade. Quem quer que fosse a Melanchthon em necessidade ou aparecesse como hóspede jamais era mandado embora por ele. A casa de Melanchthon também servia em círculos escolares como um “refúgio geral para atribulados e necessitados, suas mãos ofertavam à maneira de uma despensa inesgotável para o pobre.”⁴²

⁴⁰ Koch veio de Ilsfeld e estudou em Wittenberg, começando em 30 de outubro de 1516. Em 22 de março de 1518, alcançou seu Bacharelado e foi recebido na casa de Melanchthon. Serviu ali por 34 anos. Em 1553, Melanchthon falou da morte de Koch na Universidade com um anúncio emocionado.

⁴¹ Dr. Martin Treu, de Wittenberg, sugeriu-me que esta encenação de comédias latinas na casa de Melanchthon não é historicamente certa. Sobre isto, veja Robert Seidel, "Praeceptor comoedorum. Philipp Melanchthons Schultheaterpädagogik im Spiegel seiner Prologgedichte zur Aufführung römischer Komödien." Palestra dada por ocasião de um simpósio na Universidade de Leipzig: "Philipp Melanchthon (1497-1560). Werk und Rezeption in Universität und Schule bis ins 18. Jahrhundert." (Conferência realizada em 16-19 de janeiro de 1997.) Isto é semelhante àqueles tipos de performances que não são feitas para o público e podem ser produzidas de modo bem simples, não encenadas, porém realizadas mais à semelhança de aulas dadas num tablado montado.

⁴² CR 9:341, nota de 12 de outubro de 1557: Fuit enim domus eius commune adflictorum at egentium profugium, manus eius inhastum pauperum proptuarium.

Não se sabe como Katharina cresceu nestes relacionamentos. Certamente, o início foi verdadeiramente difícil para ambos os recém-casados. Melanchthon chamou o dia de seu casamento de o “dia do ai.”⁴³ Contudo, é certo que esta queixa – Melanchthon também denominou seu casamento de “nova servidão” – não foi resultado da sua parceria incomum. De fato, no curso dos anos, Filipe aprendeu a amar Katharina de maneira terna. Um exemplo da mágoa que ele sofreu depois da morte dela está em uma comovente passagem escrita dois anos mais tarde, em 1559. Olhando para o passado, uma mistura de tristeza e amor atravessa Melanchthon, como ele descreve: “Minha esposa se enfada... preocupa-se com toda a família; ela levantava as crianças, cuidava dos doentes, aliviava minha dor com suas palavras e ensinava os pequenos a orar.”⁴⁴ Embora as coisas de sua saúde freqüentemente não fossem bem para ela desde meados dos seus 30 anos devido a problemas com seu fígado, ela emprestava sua ajuda para seus filhos em Frankfurt-sobre-o-Oder, Wittenberg ou Torgau. Junto com seu esposo, ela sofreu imensamente a sorte de sua filha mais velha, Ana [que sofreu grandemente em um casamento infeliz com Georg Sabinus, um professor de Frankfurt]. Katharina também dedicou amoroso cuidado para com seu marido, enfraquecido por todo o trabalho e responsabilidades colocadas sobre ele. Juntamente com o cuidado normal, o problema estomacal do erudito requeria uma dieta cuidadosa. Ao mesmo tempo, ele ocasionalmente tinha também muito de uma boa coisa: “Ela [Katharina] sempre pensava que eu poderia morrer de fome se eu não estivesse recheado como uma linguiça.”⁴⁵ Com o avanço da idade, Katharina não temia nada mais do que ficar fraca e frágil. E ela morreu como desejara. Enquanto Filipe estava em Worms tomando parte em sua última grande discussão religiosa, ela faleceu rapidamente em 11 de outubro de 1557, sem demorar-se em seu estado acamado. Um velho amigo de Melanchthon, Joaquim Camerarius, entregou a notícia a ele em 27 de outubro, vindo para Heidelberg, que tinha honrado o estimado o velho cavalheiro. Melanchthon recebeu a notícia com serenidade. Apenas após dez semanas depois do sepultamento dela, ele foi

⁴³ CR 4:951; o editor de MSA 7/1, p. 96, no. 3, conecta esta referência escrita a Jo 16.21 afirmando-a como pano-de-fundo e reporta-se novamente à queixa de Mc 13.19.

⁴⁴ De Melanchthon para Johannes Dolzig em 11 de setembro de 1559; CR 9:914; MBW-R 8:383 (9054).

⁴⁵ CR 1:855 (431); MBW-R 1,237 (523).

capaz de despedir-se dela junto à sepultura, e logo depois disso, ele logo seguiria sua esposa.

Cuidados e preocupações acompanharam Melanchthon todo o tempo com uma porção de coisas que estavam sobre ele – responsabilidade por várias outras pessoas, como novo cabeça da casa, como esposo e como parte de um enfraquecido círculo de trabalho e troca acadêmicos. Nesta situação, ele foi sustentado diretamente pela infissurável confiança no cuidado e na misericórdia de Deus, misericórdia esta que, cria ele, experimentara quando a mesma foi mediada também através de sua família.

Desta forma, Melanchthon lentamente cresceu em seu papel como pai e marido. Uma experiência importante e serena para este homem que certamente amava crianças foram os nascimentos de seus próprios quatro rebentos. As crianças desenvolveram uma crescente saudade do pai, que freqüentemente estava longe. Katharina deu à luz dois meninos e duas meninas; cada vez que concebia sua vida ficava por um fio. Houve Ana (nascida em 24 de agosto de 1522), Filipe (nascido em 21 de fevereiro de 1525)⁴⁶, Jorge (nascido em 25 de novembro de 1527)⁴⁷, que morreu já aos dois anos de idade, e Madalena (nascida em 26 de julho de 1531). Em numerosas cartas, a preocupação de Melanchthon pelo bem-estar de seus filhos, bem como a gratidão pela graciosa proteção dada a eles corre como um *cantus firmus* através de seus pensamentos. Juntamente com os estudantes de sua *schola domestica*, as crianças eram as mais queridas em sua família. Melanchthon não somente carregou-as em seus braços e balançou-as no berço lendo novos livros, mas ele também adiaría uma viagem porque estava preocupado com o uma criança febril. O progresso e o crescimento das crianças também preocupava o casal cada vez mais, ano a ano. Foi típico o profundo sentimento de saudade de Melanchthon com relação à sua família durante a longa e tensa estadia em Augsburg em 1530⁴⁸. Em 1536, ele considerou a separação de sua família com similar angústia quando a Universidade foi mudada para Jena por causa da praga epidêmica na Saxônia⁴⁹.

⁴⁶ CR 1:726ss. (321); MBW-R 1:184 (379).

⁴⁷ CR 1:918ss. (486); MBW-R 1:283 (634).

⁴⁸ De Melanchthon para Camerarius, em 13 de agosto de 1530; CR 2:275; MBW-R 1:424 (1023).

Melanchthon deixou suas próprias experiências pessoais ingressarem em seu lado profissional – em várias opiniões escritas sobre casamento, em conselhos dados para a cura d'almas e em outras coisas sobre aspectos teológicos da ética matrimonial. Ele compartilhou com Lutero a rejeição do celibato como um estilo de vida obrigatório e ele disvinculou-se da tendência à misoginia, encontrada em alguns autores do Renascimento humanista. Melanchthon via as mulheres como uma criação divina, valorizadas tanto quanto os homens e igualmente herdeiras da salvação⁵⁰. Ainda que ele considerasse a maternidade como a principal obra das mulheres, ele não diminuía o valor e autoridade das mesmas. Ele acentuava a maternidade como parte da maravilha divina da criação e requeria proteção para o casamento e para a família por parte das instituições governamentais. Ao mesmo tempo, ele apelava para que os homens da época exercessem respeito e preocupação para com o sexo frágil e, deste modo, destoava claramente do ideal masculino daquele tempo⁵¹. Ainda assim, apesar de todo o discurso sobre o casamento como um meio divino para a manutenção da ordem criada e como uma imagem do amor de Cristo por sua Igreja, realmente a nem todas as mulheres é concedido serem cuidadas e amavelmente protegidas. Antes, o relacionamento matrimonial poderia ser o lugar de humilhante amargura e incontáveis tristezas, como Melanchthon experienciou a partir de nada menos que sua própria observação da sorte de sua própria filha Anna. Bem estimulado por esta percepção, ele esteve atarefado em seus 40 anos com um plano para montar uma coleção de exemplos de mulheres que eram destemidas e que mantinham-se em pé diante do desespero⁵².

⁴⁹ De Melanchthon para Jakob Milichius, em 19 de fevereiro de 1536; CR 3:44; MBW-R 2:238 (1703).

⁵⁰ De Melanchthon para Philipp Eberbach, em 6 de março de 1525; CR 1:591; MBW-R 1:184 (380).

⁵¹ CR 3.1172.

⁵² CR 3.1173.

Amizade

O ideal humanista de amizade se distingue fundamentalmente do ideal que prevaleceu mais tarde, acima de tudo de relacionamentos entre pessoas dominados pelo romantismo e fortemente emotivos. Pensadores humanistas destacavam acima de tudo representações clássicas como em Aristóteles e Cícero: apenas aquilo que é estabelecido com base no bem ou com base na virtude é permanente e merece ser chamado "amizade."⁵³ Ambos os amigos querem este relacionamento e se tornam iguais nele. A interação básica ou fundamental é estabelecida de acordo com a lei áurea: amigos deveriam se conduzir em relação a amigos assim como eles por sua vez gostariam de ser tratados. Para uns poucos autores humanistas, "amizade" é uma expressão de *humanitas* ou "humanidade," através da qual brilha a imagem de Deus dada ao homem. Mas quando o assunto são os laços de amizade, por mais que as diferenças sociais, de relações de sangue, e de gerações possam ser ignoradas, uma atitude hostil em relação a mulheres, casamento e família frequentemente ainda está ligada a este ideal⁵⁴.

Melanchthon é parcialmente influenciado por esse alto ideal de amizade. Mas ele não compartilha as noções auto-redentoras e divinizadoras sugeridas em escritos renascentistas. É verdade, no entanto, que ele apreciava o ideal de amizade da igreja antiga e dava valor a contatos sociais refinados com pessoas educadas e com cujas idéias ele se identificava, embora o relacionamento com sua esposa e filhos fosse sacrificado por causa disso. Por quanto mais tempo e quanto mais estas amizades eram atacadas por preocupação, dificuldade, e "*Angst*", tanto mais elas também se caracterizavam por confiança na graça e misericórdia de Deus, particularmente por suas ações que sustinham os amigos e colegas ocasionalmente ausentes. O círculo de amigos, que compartilhava com Melanchthon tanto os tempos perturbados por "*Angst*" como os tempos de confiança, incluía Joaquim Camerarius (1500-74) no topo da lista. A correspondência com ele oferece numerosos relances que revelam o íntimo de Melanchthon e o seu estado de espírito. Entre outros amigos em torno de Melanchthon—incluindo aqui alguns que ele perdeu e outros novos—se encontrava João Agricola (1492/94-1566), cujo relacionamento se rompeu

⁵³ Heinz-Horsch Schrey, "Freundschaft", TRE 11:591-599.

⁵⁴ Gregor Muller, *Bildung und Erziehung im Humanismus der italienischen Renaissance Grundlagen-Motive-Quellen* (Wiesbaden, 1996), p. 3ss.

por causa de suas posições irreversíveis na Controvérsia Antinomista. Havia ainda o colega de Wittenberg Caspar Cruciger (1504-48), o médico Jacó Milicius (1501-59), Paulo Eber (1511-69), o líder cívico de Nürnberg Jerônimo Baumgartner (1498-1565), o pregador de Wittenberg Veit Dietrich (1506-49), e o síndico e prefeito de Nordhausen Miguel Meyenburg (1491-1555), que proporcionou a Melanchthon e sua família um esconderijo quando fugiam das tropas imperiais durante a guerra de Esmalcalde.

A ligação com Martinho Lutero tem significado especial⁵⁵. Em tom de brincadeira o velho Lutero muitas vezes chamava Melanchthon, que era mais jovem, de *graeculus*, o "pequeno grego," uma alusão a sua insuperada educação em filologia. Ao mesmo tempo não havia limites para o louvor de Lutero. Ele reagiu com exagero após ouvir a expressão de alguma preocupação inicial sobre a aula inaugural do professor de filosofia, que mal completara 21 anos: "Muito rapidamente olhamos além de sua aparência exterior e nos declaramos afortunados, maravilhados com o que havíamos recebido em sua pessoa. Quando ele é o professor de grego, eu não quero outro. Estamos todos maravilhados; ele se tornará o mais poderoso inimigo do diabo e da teologia escolástica ... Não há ninguém sobre a terra sobre quem o sol brilha que tenha tais talentos. Por isso vamos prestar atenção neste sujeito. Quem quer que o despreze deve ele mesmo ser alguém desprezado diante de Deus."

Em princípio, Lutero defendia seu Melanchthon: "A Apologia de Filipe Melanchthon supera a todos os doutores da igreja, mesmo a Agostinho." Em outro lugar lemos isto: "Filipe escreveu bons livros." Olhando para o comentário de Romanos e de Colossenses junto com os *Loci communes* como também a *Confessio Augustana*⁵⁶ e a Apologia, Lutero

⁵⁵ Por causa da simplicidade de todas as instâncias individuais, consulte Gustav Mix, "Luther und Melanchthon in ihre gegenseitigen Beurteilung," *Theologische Studien und Kritiken* 74 (1901): 458-521; também Scheible, "Luther und Melanchthon", p. 121-152; e Gerhard Ebeling, *Luther's Seelsorge: Theologie in der Vielfalt der Lebenssituationen an seinen Briefen dargestellt* (Tübingen, 1997), p. 266-318.

⁵⁶ Para o mais recente acerca de Melanchthon como autor veja Helmar Junghans, "Melanchthon als wissenschaftlicher Sekretär der Reformation." (Esta foi uma palestra proferida em conexão com o encontro acadêmico por ocasião do 500º aniversário de nascimento de Filipe Melanchthon, havido de 19 a 21 de março de 1997, em Bretten. Está planejada sua publicação para 1998, sob a edição de Heinz

disse isto sobre eles: "Estes são livros divinos." além da precisão no conteúdo, Lutero elogiou especialmente o talento de Melanchthon em questões de estilo: "Não consigo reunir brevidade e clareza como Filipe o faz."⁵⁷

No que diz respeito a Melanchthon, ele via sua conexão com Lutero em termos de um modelo clássico: "Martinho é muito maior e digno de muito mais admiração do que eu posso descrever em palavras. Sabeis como Alcibíades admirava Sócrates. Assim eu o admiro, mas de maneira totalmente diferente, num sentido cristão. E cada vez que o vejo, ele sempre parece superar a si próprio." Já no seu primeiro ano em Wittenberg, Melanchthon compôs um poema, declarando a si mesmo envolvido na questão de Lutero e ele reforçou sua avaliação no seu testamento de 1539: "Dele eu aprendi o Evangelho."⁵⁸ Ele não escondia sua afeição: "Eu preferiria morrer do que ser separado deste homem."⁵⁹

Freqüentemente, se explorou⁶⁰ diferenças no relacionamento entre estes dois Reformadores ativamente envolvidos, especialmente aquelas que se diz que tinham surgido durante os dias tensos em 1530 em Augsburg.⁶¹ De fato, a primeira reação de Lutero ao rascunho da Confissão de Augsburg de Melanchthon deveria ser encarado positivamente: "...aí eu não consigo pisar tão gentilmente e de maneira tão suave,"⁶² deveria ser tomado

Scheible.)

⁵⁷ WA-Tr., no. 1649.

⁵⁸ CR 3:827; MBW-R 1:473 (2302).

⁵⁹ CR 1:160; MBW-R 1,72 (84); MBW 1: 196, 97ss.

⁶⁰ Erwin Mülhaupt olhou para diversos casos de teste na longa amizade entre os dois. Primeiro, há um esforço de Lutero para colocar Melanchthon numa cátedra da faculdade teológica em 1522. Então, há o casamento de Lutero em 1525. Finalmente, vem a estadia de Lutero em Coburgo em 1530. Wilhelm Neuser e Bernhard Lohse tem comprovado as separações e fissuras em conexão com a Controvérsia Antinomista, envolvendo Agricola em 1527, na assim chamada Controvérsia Cordada de 1537, e durante os esforços para introduzir a Reforma na fiel cidade católica de Colônia em 1544. Veja isto resumido em Scheible, "Luther und Melanchton", p. 139-152.

⁶¹ Veja Scheible, *Melanchton und die Reformation*, p. 198-220; Reiner Vinke, "Luther auf der Coburg, Melanchthon in Augsburg und das Augsburger Bekenntnis," *Eberburg-Hefte* 30 (1996): 53-73.

⁶² WA-Br 5:319, 7ss. (Carta no. 1568; de Lutero ao Eleitor João, o Constante, de 15 de maio de 1530.)

como uma palavra de apreciação. Um pouco mais tarde ele escreveu sobre o quanto—"vehementer"—o texto o agradava. As sentenças que seguem confirmam esta interpretação. Mas Lutero estava muito bem a par de diferenças substanciais que ele tinha com seu querido amigo e ele não compartilhava a esperança de Melanchthon de que o documento iria efetuar resultados políticos permanentes. Para Lutero um rompimento não poderia ser ignorado, e para ele as diferenças [com Roma] se sobrepujam ao que restava em comum⁶³. Melanchthon, por outro lado, não queria perder a esperança na unificação permanente e tinha formulado conscientemente a *Confessio Augustana* para que o acordo contínuo em fé e doutrina por uma santa igreja católica fosse claramente visível. Não há razão para duvidar da avaliação de Melanchthon declarada em particular, que "nós . . . até este ponto não nos comprometemos com nada que Lutero também não pensava que valesse a pena defender, quando o assunto era cuidadosamente deliberado perante o Reichstag."⁶⁴

De sua parte, Melanchthon em momento algum viu o relacionamento deles como estando permanentemente rompido. Ele escreveu isto numa carta para Veit Dietrich: "Como você sabe eu formulo muitas coisas de maneira menos grosseira—a respeito da predestinação, o assentimento da vontade (para a graça), a necessidade de nossa obediência (após a justificação), os [sete] pecados mortais. Eu sei que Lutero na verdade é da mesma opinião em tudo isto. Mas os incultos amam demais as suas rudes formulações, porque eles não percebem como elas todas se encaixam. Eu não quero me juntar a eles. Isto haveria de agradá-los. Apenas deixe-me, como um Aristotélico que ama o moderado caminho do meio, de vez em quando não falar tão estoicamente⁶⁵. Melanchthon pode formular esta avaliação de boa consciência. O sentimento, no entanto, já existia em 1529 no prefácio de Lutero ao comentário de Melanchthon sobre a epístola aos Colossenses, no qual são encontradas várias afirmações doutrinárias, como aquelas que comentadores posteriores citam para distinguí-los. Lutero escreveu: "Eu considero . . . os livros do mestre Filipe mais preciosos do que os meus e prefiro ver estes publicados tanto em latim como em alemão ao invés dos

⁶³ Veja Hans Rückett, "Luther und der Reichstag zu Augsburg", em *Vorträge und Aufsätze zur historischen Theologie* (Tübingen, 1972), p. 108-136; 113-118.

⁶⁴ MBW-R 1:434 (1053)

⁶⁵ CR 3: 383; MBW-R 2:322 (1914).

meus . . . porque eu

nasci para guerrear contra a plebe rebelde e os diabos e sepultá-los, assim meus livros são tempestuosos e belicosos. Eu tenho de arrancar os tocos e as raízes, cortar os arbustos espinhosos e as cercas vivas, tapar os buracos, e eu sou o rude lenhador que deve limpar e preparar o caminho. Mestre Filipe, porém, pode então viajar ali de maneira limpa e tranquila, edificando e plantando, semeando e regando com prazer, de acordo com os dons⁶⁶ que Deus ricamente lhe deu.

Enfermidade e Morte

Melanchthon era de pequena estatura, dando a impressão que sua saúde estava sempre em perigo. Combinava um falar defeituoso com uma voz doce. Numerosas cartas contêm admoestações que lhe diziam para tomar cuidado de si mesmo⁶⁷. A fraqueza de Melanchthon era diametralmente oposta à sua disposição no trabalho e seu tato nas negociações. Ele também estava constantemente sobrecarregado no trabalho, não sem conseqüências. Já desde sua juventude, sofria de insônia⁶⁸ que aumentava especialmente durante os tempos de tensão⁶⁹.

Apesar destas fraquezas físicas, Melanchthon nunca esteve seriamente doente, embora no início do verão de 1540 tenha visto a morte diante de si: quando vieram as notícias a respeito dos Reformadores de Wittenberg sendo vergonhosamente envolvidos no caso de bigamia de Filipe de Hesse, Melanchthon foi a um encontro para um colóquio religioso em Hagenau. Ele sentiu-se altamente desconfortável e preocupado com o futuro da causa evangélica. Em virtude disso, desmaiou em Weimar e ficou tão terrivelmente enfermo que Lutero apressou-se a vir de Wittenberg. A devoção de Melanchthon é um modelo de fé que ele sustentou com uma inabalável confiança na ajuda de Deus e com lamentos e petições reunidos em orações⁷⁰. Acima de tudo, Lutero confortou seu querido amigo: “Sê

⁶⁶ WA 30/II: 68, 12-69, 1.

⁶⁷ Para um exemplo, veja MBW-R 1:14,53,97, apenas para começar a lista.

⁶⁸ CR 1:729; MBW-R 1:265 (382); CR 2:240; MBW-R 1:415 (998).

⁶⁹ Por exemplo, durante as negociações em Augsburg em 1530; veja Scheible, *Melanchthon und die Reformation*, p. 198-220; também MBW-R 1:377 (691).

⁷⁰ Veja a documentação com WA-Br 9:140-205 (3499-3519).

corajoso, Filipe. Tu não vais morrer. Deus certamente tem razão para matar, mas ele não deseja a morte do pecador. Ele quer que a pessoa converta-se a ele e viva. Ele valoriza a vida, não a morte.” E Deus mostrou-se gracioso a Adão e Eva: “Muito menos eu desejo perder-te, Filipe, muito menos deixando-te perecer em pecado e melancolia. Portanto, não dê lugar algum ao espírito de tristeza e não se torne seu próprio assassino, antes, confia no Senhor que mata e faz viver novamente, que pode ferir e ligar, que pode derrubar e curar novamente.” Ao mesmo tempo, Lutero orou por ele: “Nosso Senhor Deus tem oferecido tudo para mim, pois eu arremesso o saco diante da tua porta [esperando coisas] e eu canso teus ouvidos com todas as promessas que só Ele pode aceitar e que eu conheço diante de ti na linguagem da Santa Escritura, assim que ele me ouve se eu estou disposto a confiar em tuas promessas.” Quando Melanchthon recuperou-se, sua voz ainda falhava. Mas poucas semanas depois, ele tinha melhorado notoriamente. Lutero escreveu para sua esposa, Katie, em Wittenberg: “Devoro-me como um boêmio e como excessivamente a maneira de um alemão, tudo em ações de graças a Deus. Amém. Isto acontece porque Mestre Filipe estava verdadeiramente morto e levantou-se como Lázaro. Deus, o querido Pai, ouve nossas orações para que vejamos e entendamos, sem o que jamais creríamos, de modo que ninguém diga amém para nossa vergonhosa infidelidade.” Depois de três semanas, Melanchthon viajaria com seus amigos de Wittenberg para Eisenach, onde ficou com Justus Menius durante o mês de julho. No início de agosto, retornou a Wittenberg.

Finalmente, em 1560, Melanchthon voltou de uma viagem a Leipzig com um forte resfriado. “*Angst*” e confiança estavam renovados, construindo o instante decisivo que marcou seus comentários finais. A preocupação quanto ao progresso da Reforma evangélica foi reforçada pelos *rabies theologorum*, louca fúria dos teólogos – Melanchthon referia-se especialmente a Agrícola e Flacius – e ainda assim, Melanchthon foi capaz de mudar sua disposição mental quando escreveu confidencialmente: “Deixei-os manter seus escritos até satisfazerem-se, deixei-os fazer o que queiram; não vou perturbá-los por muito mais tempo. Quero, entretanto, ensinar diligentemente, e, pela graça de Deus, os jovens poderão levar adiante a simples declaração da verdade. Farei isto enquanto viver, e também implorarei a Deus que ele me conceda um final feliz.”⁷¹

⁷¹ Citado em Pauli, *Phillippus. Ein Lehrer für Deutschland*, p. 306.

Melanchthon conseguiria isto. Cercado pela família de sua filha Madalena, que tinha reunido numerosos outros netos e parentes, Melanchthon morreu na sua casa em Wittenberg em 19 de abril de 1560. Sobre uma folha de papel, escreveu porque ninguém deveria temer a morte: “Vocês serão libertos do pecado. Serão livres de toda fadiga e tribulação e da fúria dos teólogos. Irão para a luz, diante de Deus, ver o Filho de Deus. Aprenderão todos os surpreendentes segredos que não somos capazes de compreender nesta vida: por que fomos criados assim, o que nós somos, e em que consiste a união das duas naturezas de Cristo.”⁷²

Sumário

Estamos no final de nossa olhada sobre Melanchthon como um homem do século XVI. A questão de se também o seu exemplo pode ou não ser um modelo para nós é deixada para nosso juízo subjetivo. Sua modéstia e a maneira como os pesquisadores modernos voltam-se ao caráter multifacetado de Lutero tem feito que Melanchthon seja encontrado sempre no segundo plano de consideração. Ainda assim, o que segue aqui permanece certo.

Melanchthon foi um dos homens mais inteligentes de sua época ou mesmo até hoje. Ele tinha um controle magistral sobre o conhecimento coletivo de seu tempo, e trabalhava com enorme rapidez e eficiência. Mas conheceu o poder dos sentimentos, emoções e paixões. Não era alguém sem emoção, antes, conhecia os limites do intelecto.

Freqüentemente, sua habilidade para construir pontes através da *moderatio*⁷³ foi tomada como sendo negativa por aqueles que consideram-se

⁷² CR 9:1098 (6977); MBW-R 8:470 (9299).

⁷³ Nota do tradutor: *Moderatio* não se refere a uma característica de caráter pessoal em Melanchthon, mas é um termo técnico que descreve sua aproximação num debate ou discussão. De fato, às vezes ele podia ser temperamental em sua linguagem, não obstante geralmente ele pensasse que a polêmica resultasse pouco positiva e apenas tendia a endurecer as posições. Lutero daria livre curso a sua ira na esperança de que a Lei, no seu segundo uso, faria seu trabalho - o debate com Erasmo, por exemplo - enquanto Melanchthon tentava persuadir as pessoas por meio de uma afirmação refletida e refreada do caso ao invés de explodir com palavras ásperas. Parece que ele preferia usar a Lei como uma barreira, impedindo que as pessoas que estivessem vacilando na beirada, prestes a naufragar, chegassem ao

30

do lado de Lutero como verdadeiros teólogos, sendo inequívocos, confessionais e fazendo afirmações rígidas. Agindo assim, poupavam-se de ter de refletir sobre as razões de suas próprias posições e sobre o que os outros pensavam. Alcançar a conciliação requeria um grande esforço mental que somente intelectuais da estatura de Melanchthon eram capazes de alcançar. Poderíamos usar mais isto como ele o fez. Sua compreensão perspicaz e seu domínio dos assuntos fê-lo seguro consigo mesmo de modo que não precisava assegurar sua posição obstinadamente, antes, com sua paciência reta, ele pôde perscrutar o caminho para chegar à conciliação.

Neste sentido, Melanchthon é um exemplo do tipo de pessoa de quem poderíamos usar mais. Quem quer que tenha uma compreensão aguda e um tal domínio do conhecimento ao ponto de estar seguro de si mesmo, não precisa defender sua posição obstinadamente, antes, pode, com clareza de mente, perscrutar o caminho para a conciliação.

Ademais, Melanchthon é um tipo de figura na história intelectual que não pode ser de modo nenhum ignorado. De fato, permanecerá como um evangelista da igreja, pois ele é um dos pais. Não importa quando e onde, o estudar Teologia será medido em relação aos seus escritos e nisto há espiritualidade.

Finalmente, Melanchthon empreendeu tudo isto graça a uma piedade intensivamente refletida, que é encontrada no *Praeceptor Germaniae*, entre "Angst" e confiança. De um lado, ele percebeu sensivelmente o problema, a necessidade e a preocupação de seus semelhantes. Por outro lado, não foi incapaz de agir, antes, por causa de sua confiança inabalável na devoção misericordiosa e graciosa de Deus, ele prosseguiu no caminho posto perante ele. Isto é genuinamente visto não somente nas cartas e encontros pessoais,

ponto no qual a denúncia e a acusação fossem necessárias. Embora isto talvez não seja puramente primeiro uso, sua aplicação da Lei em tais casos realmente parece favorecer esta abordagem. As tendências diferentes nos dois Reformadores freqüentemente são evidentes, refletindo perspectivas e aproximações variadas. Para o Melanchthon treinado classicamente, *moderatio* não era fraqueza ou desistência. Ao invés disso, isto foi um meio ponderado de alcançar os outros, buscando a linguagem e a posição que conquistaria um oponente e que ainda assim fosse fiel à verdade. Ele compreendia isto de modo diferente do que comprometer-se, ou seja, abrir mão de pontos da verdade meramente para chegar a um acordo. Outros podem discordar das avaliações de Melanchthon, mas assim como ele compreendeu o assunto, o fato de ser moderado de modo algum liquidou sua integridade.

mas esta atitude ou postura também flui para dentro dos escritos teológicos, dos conselhos políticos, e não menos no documento confessional central da igreja evangélica, a *Confessio Augustana*. Mais do que Lutero, Melancthon teve sucesso em moderar sua personalidade, e ele deixou-nos a mensagem evangélica da salvação de Deus que nos beneficia em todas as situações da vida: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”